

Orquestra Gulbenkian

Muhai Tang
Agostinho Sequeira



06 + 07 mar 25

06 mar 25 QUINTA 20:00

07 mar 25 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Muhai Tang Maestro

Agostinho Sequeira Percussão

Guo Wenjing

The Rite of Mountains, op. 47

c. 33 min.

1. *Toccata and Elegy for marimba:
Allegro-Andantino-Allegro*
2. *Trio and Quartet for one gong, Toccata for a group of gongs:
Largo-Allegretto-Largo*
3. *Recitative for drums: Moderato-Presto*

INTERVALO

Sergei Rachmaninov

Danças Sinfónicas, op. 45

c. 35 min.

1. *Non allegro*
2. *Andante con moto. Tempo di valse*
3. *Lento assai – Allegro vivace*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 45 min.
INTERVALO DE 20 MIN.

Guo Wenjing

(Chongqing, Shichuan, 1956)

The Rite of Mountains, op. 47

COMPOSIÇÃO 2008-2009

ESTREIA Pequim, maio de 2009

DURAÇÃO c. 33 min.

O final do século XX e o início do século XXI ficam marcados pela integração de compositores da China nos repertórios das salas de concerto. Se o país se aproximou dos modelos da música erudita ocidental com a criação de escolas de música, a Revolução Cultural impôs constrangimentos importantes na formação dos músicos. Guo Wenjing é um dos mais destacados compositores da China, pertencendo à primeira geração que frequentou essas escolas após a sua reabertura no final da década de 1970. Nesse contexto, muitos compositores ligaram elementos da música chinesa, como o pentatonismo, a valorização do timbre e a ornamentação microtonal, às práticas orquestrais ocidentais.

The Rite of Mountains é um concerto para percussão e orquestra inspirado no sismo que destruiu a região de Wenchuan em 2008. Uma catástrofe natural que deu o mote para uma obra orquestral destinada ao percussionista Li Biao, que já a apresentou na Fundação Gulbenkian (2017). O concerto começa com um andamento tripartido onde se destaca a marimba. Um início com explosões percussivas e violentas da orquestra marca a atmosfera trágica. O solista entra discretamente,

com um *tremolo* da marimba em *piano* sobre os *pizzicati* das cordas. O regresso das interjeições violentas mostra o estilo concertante do andamento. Os motivos pentatônicos reminiscentes da música tradicional chinesa marcam as intervenções do solista, que se tornam mais agitadas, entre as descargas súbitas de energia da orquestra. Os instrumentos de sopro ganham primazia, com motivos circulares em crescendo. A marimba participa num diálogo com o concertino e providencia o fundo sobre o qual a violência da orquestra se reforça e acelera, invertendo os papéis tradicionais dos participantes. Uma pausa abrupta introduz uma secção contrastante, em que o oboé apresenta notas ornamentadas por *glissandi* e microtons. O solista e o fagote envolvem-se em trocas de materiais sonoros, ao estilo do concerto grosso. A orquestra percute o chão com os pés, alternando com passagens descendentes dos instrumentos de sopro. Os *tremolos* e os rufos preparam o regresso da marimba, em *ostinati* cuja repetição quase encantatória é pontuada pelas interjeições orquestrais, conduzindo a uma marcha distorcida e homorrítmica. O solista toma a dianteira com materiais verticais e circulares em simultâneo. Os instrumentos graves de bocal antecipam a sobreposição de camadas onde pontificam os solos das cordas até à diluição da textura num curto motivo.

O segundo andamento começa com um motivo microtonal interpretado pela boquilha do clarinete desligada do corpo do instrumento e com o solista explorando os timbres de um gongo. Um crescendo de intensidade é interrompido pelo regresso

do clarinete. A orquestra participa com ataques curtos onde as cordas em *pizzicato* exploram o espectro sonoro. O solista introduz um ostinato entre dois gongos, aos quais adiciona outros sons. Com um novo motivo, o concertino junta-se ao percussionista, trocando materiais. O solista sobressai numa passagem em que os chefes de naipes das cordas interagem intensamente. A orquestra e os gongos colidem, evidenciando a irregularidade rítmica dos motivos dos intervenientes numa passagem vertical que acumula energia. O regresso do som da boquilha do clarinete marca o retorno à calma, com motivos repetidos nos gongos até à submersão final.

O concerto termina com um andamento vivo dominado pelos tambores. Baseado em motivos curtos e impetuosos e na sobreposição de dissonâncias, acompanha o solista na exploração de diferentes timbres e ataques sobre um fundo sonoro em progressiva intensificação. A exploração dos registos graves no adensamento da textura antecipa uma passagem em que as cordas, tocadas em rasgueado, alternam com o solista. A sobreposição de camadas sonoras nos instrumentos de sopro, os *ostinati* nas cordas e o ritmo marcado sublinham a irregularidade e instabilidade crescentes. A troca de motivos entre os naipes e a alternância entre os registos dos tambores prepara uma longa cadência a solo. O flautim e os *tremolos* das cordas preparam o final, em que o solista e a orquestra se juntam numa passagem tempestuosa baseada em motivos repetidos, conduzindo a um final curto e enérgico.

Sergei Rachmaninov

(Oneg, 1873 – Beverly Hills, 1943)

Danças Sinfónicas, op. 45

—

COMPOSIÇÃO 1940

ESTREIA Filadélfia, 3 de janeiro de 1941

DURAÇÃO c. 35 min.

As Danças Sinfónicas, op. 45, constituem a última obra escrita por Rachmaninov, compositor do século XX muito associado à estética romântica, e ilustram o percurso de um músico do Império Russo que passou grande parte da sua vida noutras paragens. As Danças Sinfónicas foram concluídas no outono de 1940, quando a Segunda Guerra Mundial assolava a Europa. Na altura, a família Rachmaninov regressava do Reino Unido para os Estados Unidos da América. A peça foi estreada a 3 de janeiro de 1941, pela Orquestra de Filadélfia dirigida por Eugene Ormandy. Estilizando as texturas de dança do passado, Rachmaninov atualizou as mesmas, incluindo instrumentos como o saxofone alto.

Todos os andamentos da obra estão numa forma tripartida. O primeiro começa de forma leve, em crescendo, com um motivo que circula por vários instrumentos. Aqui, Rachmaninov cita o tema principal da sua primeira sinfonia, inspirado em melodias da Igreja Ortodoxa Russa. Segue-se um episódio vertical e brilhante, com construções paralelas e a sobreposição de *ostinati* com acentuações marcadas. Essa abordagem remete para compositores russos como Prokofiev, que enfatizam o grotesco

através da distorção das texturas de dança. A vitalidade rítmica permeia o andamento, que cresce em tensão, instabilidade e intensidade a partir da entrada do piano. A percussividade pontuada pelos instrumentos de bocal cede lugar a um decrescendo que conduz à secção intermédia. Após uma curta pausa, o lirismo protagonizado pelos motivos ambíguos e mutáveis do oboé e do clarinete introduz a passagem leve de carácter bucólico e pastoral à qual se juntam o saxofone alto e o corne inglês. A adição das flautas e do fagote antecipam o regresso das cordas e do piano, interpretando longas melodias românticas, de carácter operático ou que remete para o universo das bandas sonoras. Uma aceleração e transição prepara a atmosfera misteriosa, cinética e percussiva do início, com uma passagem dominada pelo *glockenspiel*. A melodia da primeira sinfonia emerge, brevemente, e a repetição de um motivo conduz à acalmia final.

O *Andante con moto* estiliza uma valsa após um coral em ritmos pontuados, apresentado pelos instrumentos de bocal com surdina. A alternância desse material com a valsa conduz a um episódio misterioso, um solo de violino de carácter dramático. Os instrumentos de palheta tomam conta da melodia com o apoio dos *pizzicati* das cordas. Com os materiais melódicos entregues aos sopros, o clarinete apresenta arabescos até ao fugaz retorno do coral inicial interpretado pelos

instrumentos de bocal. A animada secção intermédia sublinha o carácter da valsa, contendo várias mudanças de métrica que contribuem para a sua variedade. O regresso da atmosfera inicial é marcado por uma aceleração para uma *coda* que recorre ao contraponto.

O último andamento começa com fragmentos que criam uma atmosfera misteriosa. O brilho e a vivacidade rítmica do primeiro andamento regressam, marcados pela interação entre solos de instrumentos. Melodias circulam pelos naipes sobre um cenário de percussividade que se intensifica, aproveitando o timbre seco e brilhante dos instrumentos. A sincopação e a assimetria nas acentuações sublinham essa passagem, que prepara a melodia “Blagosloven yesi, Gospodj,” apresentada pelo flautim e pelas violas e reaproveitada das *Vésperas*, op. 37. Um interlúdio lírico dominado pelas cordas leva a uma passagem inspirada nas canções de embalar. Um episódio misterioso dominado por clarinete, clarinete baixo e fagote apresenta-se sobre *tremolos* de cordas e ressonâncias da valsa antecipam um solo de oboé que liga a passagem aos ritmos pontuados e à vivacidade do início do andamento, com fanfarras e solos de instrumentos de bocal. O crescendo de intensidade, marcado pela percussividade, assemelha-se a uma marcha viva, obstinada e instável, um final brilhante para a obra.

NOTAS DE JOÃO SILVA

Muhai Tang

Muhai Tang nasceu em Xangai, na China. Estudou composição e direção de orquestra no Conservatório de Xangai e na Hochschule für Musik und Theater, em Munique. Iniciou a sua carreira internacional em 1983, tendo dirigido concertos da Filarmónica de Berlim a convite de Herbert von Karajan. Foi Diretor Musical e Maestro Principal de várias orquestras, incluindo a Orquestra Gulbenkian (1988-2001), a Sinfónica de Queensland (Austrália), a Filarmónica Real da Flandres, a Orquestra de Câmara de Zurique e a Filarmónica de Belgrado. Foi também Maestro Principal da Ópera Nacional Finlandesa, em Helsínquia, para a qual dirigiu várias produções. Dirigiu *Otello* de Rossini e *Le comte Ory*, com Cecília Bartoli, na Ópera de Zurique. Em 2015 tornou-se o primeiro maestro chinês a liderar uma nova produção (*Otello*) no Scala de Milão. Em 1999 dirigiu a primeira apresentação de uma ópera de Wagner na China, *O navio fantasma*. Dirigiu também as estreias chinesas de *Pelléas et Mélisande* de Debussy, e *The Turn of the Screw* de Britten. Ao longo da carreira, Muhai Tang recebeu muitos prémios internacionais, incluindo o *Grammy Award of America* (2004) e o *Oscar della Lirica* (Itália, 2017). Em 2002, o CD preenchido com concertos para guitarra e orquestra de Christopher Rouse e Tan Dun, com a Orquestra Gulbenkian e Sharon Isbin (Teldec), recebeu um prémio *Echo Klassik* e um *Grammy*.

Muhai Tang realizou digressões com orquestras europeias, mas também com muitos conjuntos chineses, em particular com a Orquestra Chinesa de Xangai. Em 2019 dirigiu a cerimónia de abertura do Carnaval Cultural Asiático e liderou a Orquestra Sinfónica de Harbin da China – da qual é o Diretor Artístico e Maestro Principal – no Festival de Verão de Salzburgo. É Maestro Laureado da Orquestra Sinfónica Nacional da China.

Agostinho Sequeira

Agostinho Sequeira nasceu em Almada em 1998. Vencedor de vários prémios TROMP 2020 – a principal competição de percussão do mundo – absorve completamente a música e encontra formas de o público a experienciar. As suas atuações emanam uma naturalidade e pureza raras, usando a sua presença física como uma ferramenta, tal como um ator ou bailarino faria. No repertório selecionado e na improvisação, a exploração ritualística da beleza e da surpresa do som ocupa sempre o centro do palco. O foco principal de Agostinho Sequeira é o público, desenvolvendo as suas ideias musicais a partir da sua perspetiva. Os elementos sociais nas suas apresentações provêm da sua rica origem familiar, indiana e portuguesa. Os programas a solo com multipercussão são centrados num tema para proporcionar uma sensação de narrativa e criar impacto: *Revolution 19* explora a relação entre os Beatles e os compositores Cage, Stockhausen e Bach; *In Touch* é uma performance sobre a ligação entre a nossa *persona* social e o nosso ser interior. Apresentou-se em recitais a solo no Muziekgebouw Amsterdam, no Muziekgebouw Eindhoven, no CCB, no IPEA Shanghai Percussion Festival, no Bach Festival Dordrecht e no Wonderfeel Festival. Como solista, apresentou-se com a Dutch Ballet Orchestra, a Orquestra Gulbenkian e a Metropolitana de Lisboa, entre outras. Tocou também com a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, o Klangforum Wien, a Orquestra Sinfónica de Antuérpia, a Sinfonietta de Amesterdão e a HIIIT (Slagwerk Den Haag). Faz parte dos Toonzetters, um quarteto de pianos e percussão que apresenta música nova de compositores neerlandeses e radicados nos Países Baixos. Foi 1.º Prémio e Jovem Músico do Ano no PJM / Antena 2, em 2016. Em 2024 foi-lhe oferecido um lugar de professor no Conservatório de Amesterdão, com foco na multipercussão solo.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Vadim Tsibulevsky CONCERTINO*
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Alessandro di Marco 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Matilde Araújo
Catarina Ferreira
Rui Cristão
Nelson Nogueira*
Miguel Gomes*
Luís Xavier Pereira*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Piotr Rachwał 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Miguel Simões
Asilkan Pargana
Catarina Resende
Luciana Cruz*
Bernardo Barreira*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA

Lu Zheng 1º SOLISTA

João Tiago Dinis 2º SOLISTA

Nuno Soares

Sara Moreira

Micaela Miranda

Raquel Noemi

Márcia Marques

Sara Farinha

Bárbara Ferreira

Íris Almeida*

VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA

Emeraude Bellier 1º SOLISTA

Martin Henneken 1º SOLISTA

Raquel Reis 2º SOLISTA

Jeremy Lake

Gonçalo Lélis

João Valpaços

Hugo Paiva

Maria Leonor Moniz*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rêgo 1º SOLISTA

Marine Triolet 2º SOLISTA

Miguel Menezes

Diogo Pereira

Luís Ferreira*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÊS

Roberto Henriques 1º SOLISTA*

Filipe Alexandre Freitas 2º SOLISTA*

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José Maria Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Kenneth Best 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Rodrigo Carreira 2º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Jorge Almeida 1º SOLISTA*

Luís Campos 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

Elmano Pereira 1º SOLISTA*

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Cristiano Rios 2º SOLISTA*

Tomás Rosa 2º SOLISTA*

Miguel Herrera 2º SOLISTA*

Ryoko Imai 2º SOLISTA*

TECLAS

Inês Mequita 1º SOLISTA*

HARPA

Ana Aroso 1º SOLISTA*

SAXOFONE

José Massarrão 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

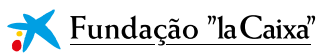
Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

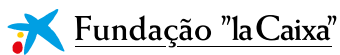
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

